

LIVRO DE JÉSSICA

GERALDO FARIA CAMPOS*

Sexto mês de aula, mais ou menos. Optara ele, o professor, pela 5ª série. Geralmente eram três turmas, a outra seria uma 7ª série, tudo do Fundamental.

A diferença de idade entre eles – quase que um abismo: os alunos e as alunas de 10 e 12 anos; ele já fixo nos sessenta, certamente 62 anos... Os cinquenta anos a mais poderiam lhe render choque de linguagens, mais acomodação, menos criação por parte dele – e isto o incomodava muito. Sua atenção de velho mestre, só ali já ia pelo vigésimo sétimo ano, era para a comunicação entre eles. A vivência poderia lhe dar um certo respaldo. O vigor físico ainda responderia?

As aulas de Língua Portuguesa se enchiam de leitura, de escrita (pequenos textos de jornal-notícia, cartas de leitor, anúncios engraçados, charges, quadrinhos, livros pequenos, raros textos de livros didáticos); de falas-debates sobre leitura (problemas vividos na escola e outros descobertos na vida de bairro, da cidade); de escrita sobre a leitura, sobre os debates, os desabafos, criação de poesias, crônicas, os bilhetes; e um certo pausar sobre a Gramática.

Os pronomes eram muito usados na leitura. O professor criava um exercício especial deste tipo de leitura (publicado na revista da Faculdade de Educação). Também o substantivo e o verbo serviam para a leitura, e o entendimento do texto, a pontuação. Percebia o professor a Gramática em cada texto e ia repassando isto aos alunos – como se fosse um exercício constante, sem a necessidade de estar estudando a Gramática assim como se fosse algo a ser cobrado em prova – e que ela fosse do entendimento do texto, enfim.

* Professor de Português do Colégio de Aplicação/Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - Cepae/UFG.

Os verbos – em seus modos indicativo, subjuntivo, imperativo – lhe davam grandes descobertas nos textos de possibilidade ou dúvida, de certezas do ontem, hoje ou amanhã, e de mandos (autoritários) ou pedidos. A Gramática lhe dava outras descobertas – mas nada de ela ser cobrada em provas ou de professor ficar circunscrito a suas precisões. Longe de os verbos se prenderem à sua conjugação (uma fórmula matemática), eram peças importantes no entendimento – interpretação – criação do texto.

O verbo vivia o seu casamento com a leitura e escrita. Voltemos às 5^{as} séries, aqui – principalmente a 5^a série B.

Havia, nas salas de aula, as estagiárias, de vez em quando um ou outro estagiário... Por sala, eram 4, do Departamento de Letras da UFG (em sua maioria). Vinham ao colégio, assistiam às aulas, e depois delas debatíamos o acontecimento na sala, um encontro sobre o ensino da língua. Uma boa vivência – convivência –, pensávamos educação. Em nossos debates se incluíam os Conselhos de Classe.

Mas, e Jéssica? Quem é esta figura que dá nome ao livro? Aluna simples, comum, de abertura, de diálogo. Quase sempre alegre. Produzia: lia, escrevia com menos frequência. Marcava presença na 5^a série B.

Achava o professor que já entendera melhor os habitantes de uma 5^a série (uma, não; duas: a A e a B). Tentava relacionar as duas.

A vida ia indo – ora na sala de aula, ora na biblioteca, ora nos corredores. Sempre o professor estava disponível a conversas de 2^a a 6^a, de 7h30 às 12 horas. Queria sempre que fosse diálogo. Já entendera toda a riqueza escolar espalhada na convivência com pessoas que liam, estudavam e exercitavam um pouco de Paulo Freire.

As estagiárias marcavam presença, acompanhavam os alunos à biblioteca, davam-lhes assistência, anotavam as leituras, permitiam desistências – sim, porque alunos e alunas podiam desistir de leituras e fazer outras escolhas. Também elas aprendiam e dividiam com o professor. Presença bastante forte, os alunos lucravam: dois ou três professores em sala. E alunos e alunas sabiam que também ensinavam. Fatura boa.

Na nossa vida escolar, havia a presença de mães, avós, pais, avôs e até parentes. Uns eram boa ajuda ao aluno e aluna, em casa arranjavam livros, olhavam as tarefas. Outros, mais carentes, vinham solicitar mais colaboração do professor. Isso tudo acabava por bater às portas dos Conselhos de Classe. Tentávamos – muitos professores do colégio – torná-los cada vez mais pedagógicos, cada vez mais um olhar profundo no sentido de aluno e

aluna lerem mais, escreverem mais, no rumo de um texto gostoso, alegre, científico... no sentido do uso da norma padrão, sem abandono ou desrespeito à língua popular, também vida da escola. Havia a Coordenação Pedagógica e as psicólogas. No fundo, frequentávamos uma escola que queria viver a utopia de uma construção educacional viva para a comunidade. Tentativas muitas. Sangue, suor e lágrimas na nossa escola.

Poderia haver ingenuidade, mas luta não nos faltava. Íamos indo na 5ª série, até que aconteceu um fato.

Na aula de Português, o professor expunha e passava pelo agrupamento de Jéssica – quatro, cinco colegas de boa convivência. E Jéssica parecia em um dia diferente – falava, que falava com uma outra colega. O mestre, meio nervoso, vem e diz: “Jéssica, um a zero para você, que neste momento se esquece de calar”. E foi-se, não sem antes receber uma resposta: “um a zero para o Senhor, professor.”

Lá pr’outras bandas da sala, ele continua a exposição. Ouvia o troco, mas deixou pra lá. Continuando, veio o dois a zero contra a aluna, e novamente vieram a réplica e/ou tréplica.

Seguir o mestre na sua caminhada. Sempre fazia as pequenas exposições (pensa ele que sim) nos cantos das salas. Já aprendera com os alunos (com eles e elas), cada mestre aprende muito. Até mais que nos livros de teoria. Principalmente a Didática.

Agora, mas atento à fala da Jéssica. Parecia um desafio, algo não novo na 5ª série, contudo – naquele dia – a guerra pareceu maior.

E acontece a tristeza na vida do professor. “Jéssica – quase um grito; três a zero e caía fora da sala!” A menina se assustou, tentou resistir, porém arrumou seus livros e caiu fora.

Um belo costume das 5ªs séries, já em vigência naquele ano, é amanhã se discutir o tratamento de hoje. Os problemas iam para o debate. E as 5ªs já iam por esta estrada.

Era esperar pelo outro dia, quando o debate ajudaria a leitura do acontecimento anterior. O professor aprendera que a defesa da sua posição não seria feita por ele e haveria uma análise da situação pelos alunos e alunas, e que daí para frente as aulas deveriam ser mais preparadas, mais enriquecidas, mais dialogadas. E agora, neste julgamento – pelo menos uma das estagiárias estaria presente (por querer dela e por ela começar a viver seu papel de professora) – diálogo. No seu estágio, ela ia além da presença exigida pela matéria do departamento de Letras.

Estamos no dia vindouro: lá veio a aula-debate. Propostas de alunos, alunas e professor.

Sem muita delonga, alunos e alunas começaram a participar da aula. O mestre organizava a concessão das falas. Definido anteriormente: só o professor não poderia usar a fala no debate.

Nas primeiras cinco falas, ficou muito claro o destemperado do professor. E com todas as letras, os meninos e as meninas da 5ª série B, do Colégio de Aplicação da UFG, agora Cepae, iam mostrando as falhas do professor, algum nervosismo, alguma insegurança, aulas repetitivas, crítica ácida. Ele coordenava o debate, mas escutava tudo um pouco apreensivo por dentro. A crítica – apesar de dura e machucante – abre clareiras e perspectivas para quem quer ser professor a vida inteira.

Tudo parecia perdido para as bandas do mestre. Seria ele punido? E as consequências? Agora já sabia que toda a situação problemática não estaria mais entre quatro paredes: a Coordenação Pedagógica ficaria a par de tudo. Também a direção. Lá veio o sétimo a falar: “nós temos convivido com o professor, ele nos proporcionava leituras de livros, crônicas, quadrinhos – já podemos escolher, ele cuida da nossa escrita e retribui escrevendo a nós, discute abertamente com os superiores sobre os nossos problemas, traz as estagiárias – que muito nos ajudam –, então ele também tem pontos positivos”.

Outros alunos e alunas, dois ou três, se puseram a contar a convivência boa entre a 5ª série B e o professor da língua pátria. O grupo todo se pôs a pensar. As aulas seriam revistas, o professor procuraria se desestressar um pouco (no colégio havia três psicólogos e a Coordenação Pedagógica) e todos torciam para que as relações entre mestre e alunos e alunas se fortalecessem mais.

O difícil agora era encontrar um rumo – fim para a reunião: como concluir a grande dissertação, que alunos, alunas, estagiária e professor se propuseram a fazer: “análise de uma aula em que o professor se privilegiou de autoritarismo”? Parecia que o espírito de Paulo Freire havia divagado pela sala e pousado nos alunos e alunas e estagiária.

Aquele silêncio procurava um caminho quando Jéssica, a menina posta pra fora, pede a palavra, e com sabedoria, vai criando um fim para a reunião: “ontem falei com a minha mãe e ela me deu todo apoio, me informando que, se eu tivesse razão, nós iríamos à direção do Cepae, à reitoria da UFG e solicitaríamos uma solução para o caso. Mamãe sentiu meu

drama: posta para fora da sala. E ela, a mamãe, acrescentou: ‘se você tiver razão, vamos caminhar e denunciar e esperar as respostas, mas se você não tiver razão, tire o time’... Assim, Jéssica, como se fosse sábia, disse: “Neste momento, estou tirando meu time de campo”.

Um alívio geral, mais para o professor. Patrícia – a estagiária – analisa o fato:

“Sou uma aluna da 5ª série B, não mais a estagiária, porque como outros alunos, eu também deixei uma quarta série para trás! Quando cheguei aqui até a sala de aula, eu não sabia nada, e nesse nada incluía tudo (leitura, escolha de livros, responsabilidade, poder de decisão, paciência, preocupação com o outro e certeza de poder crescer como indivíduo). Hoje, sou bem melhor que antes, como pessoa e dona da minha palavra. Fui ajudada nisso aí”.

Sabe, é incrível como as aulas acontecem, diferentes do habitual, mas sem fórmulas e apresentações circenses para chamar a atenção. Vou sentir saudades da turma e das aulas, porque as coisas aconteciam naturalmente, as conversas, os exemplos, as decisões, os debates, a democracia...

E a leitura? Essa aí poderia ter acontecido na minha vida da mesma forma que aconteceu na 5ª série, ou seja, tranquilamente, sem imposições, satisfazendo minha vontade.

Também eu vi nas aulas que a escrita acontece não é pela leitura “ordenada e sistematizada”, e sim pela leitura vivaz/eficaz, aquela que está repleta de questionamentos e espaços abertos para novas leituras, que surgem durante a troca de experiências em sala de aula, entre professor, aluno e aluna.

Agora, o melhor de tudo o que eu pude viver nesse tempo de 5ª série, foi a amizade dentro da sala. Uma mistura entre alunos, alunas, estagiárias e professor, entendendo-se com carinho – o que os alunos e alunas dizem. Todos os professores deveriam conversar com os alunos da 5ª B antes de assumir uma sala, e assim conheceriam um pouco de democracia.

Taí, aprendi a dar mais valor à democracia, mas será que saberei exercê-la sem a 5ª B?

Acho que vou perguntar a Jéssica e ela me dirá que tenho que lutar pelos meus direitos, brigar se eu estiver correta e calar se eu estiver errada. Lembra-se dessa aula. Foi o máximo. É meu ponto referênciã. Vou sentir muitas saudades de todos. ”
Patrícia.

Autores:

Jéssica

Patrícia

Geraldo